

O SURGIMENTO DO URBANISMO: PLANEJAMENTO URBANO

SILVA, Renata Vicentin¹
BUENO, Adriano Rafael Escher²
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata Madureira³

RESUMO

O Urbanismo é um campo do conhecimento, ora considerado como ciência ora como técnica, que tem a cidade como principal objeto de estudo e intervenção. Surge como campo do conhecimento, no final do século XIX, na Europa, período pós-revolução industrial, em busca de transformações necessárias à realidade caótica das cidades. No entanto uma maior maturidade teórica só foi alcançada no século XX. Observa-se hoje que ainda conserva-se um conceito tradicional sobre o mesmo, como preso a aspectos estético-funcionais. Porém o Urbanismo ultrapassou largamente esta visão, não se limitando a uma simples técnica do engenheiro ou do arquiteto para intervir no espaço urbano, pois abrange o campo da comunidade, da planificação social. Por isto é necessária uma abordagem sobre sua epistemologia, rompendo paradigmas. O estudo sobre a realidade do espaço urbano (e regional) e suas manifestações concretas, para intervir na busca de uma melhor qualidade de vida constitui na essência do urbanismo, sendo que este espaço sofre transformações permanentes. O texto busca uma reflexão sobre o Urbanismo, desde quando surgiu como suposta ciência que estuda a cidade e intervêm nos seus espaços, até a sua importante influencia para obter um bom desenvolvimento urbano, utilizando uma revisão bibliográfica de vários autores que abordam o seu conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento Urbano, infraestrutura, desenvolvimento urbano, qualidade de vida.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o assunto sobre o Planejamento Urbano, o texto busca uma reflexão sobre o Urbanismo enquanto campo do conhecimento que se aplica ao estudo e investigação sobre a realidade do espaço urbano (e regional) e suas manifestações concretas, o que permite então agir, planejar e gerir este espaço. É feita uma reflexão sobre o mesmo, desde quando surgiu como suposta ciência que estuda a cidade e intervêm nos seus espaços. Para tanto é realizada uma revisão bibliográfica de vários autores que abordam o seu conceito sob diversos prismas.

Este estudo justifica-se a sua importância como no simples processo de operacionalizações, como o andar por uma calçada até a construção de grandes centros urbanos. Pensado a partir do crescimento acelerado dos centros urbanos que acabou por alterar a forma de vida dos seus habitantes. Em busca de intervir no espaço urbano, temos sempre a palavra “Urbanismo” empregada para denominar uma área de conhecimento ou uma técnica de intervenção nestes espaços, e até mesmo uma ciência de planejamento e organização dos espaços urbanos. Porém sabe-

¹ Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: renatavicentin_s@hotmail.com

² Arquiteto e Urbanista graduado pela Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: adriano.rbueno@gmail.com

³ Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor das Faculdades Assis Gurgacz e Dom Bosco. E-mail: eduardo@fag.edu.br

se que este termo aparece historicamente, e geralmente, empregado quando há referências à elaboração de conjunto de propostas de intervenção física no espaço urbano, especialmente no seu traçado, para o seu embelezamento ou melhoria da infraestrutura especialmente, ou para melhorar o saneamento e a circulação, utilizando-se de técnicas de arquitetura ou de engenharia. Nesse sentido, este trabalho se justifica, pois, visa entender as primeiras teorias sobre o urbanismo ressaltando sua importância na qualidade de vida.

A justificativa no âmbito acadêmico/científico é a de oportunizar o desenvolvimento de outros estudos que serão elaborados a partir deste artigo. É importante ressaltar que este texto não se propõe a esgotar a discussão sobre o conceito de Urbanismo, mas sim fazer com que seja dada uma contribuição crítica para a abordagem do mesmo, buscando romper com certos paradigmas tradicionais, na busca de entender como o mesmo se constituiu como campo do conhecimento voltado ao estudo da cidade.

O texto tem por finalidade responder como o urbanismo pode influenciar na qualidade de vida dos grandes centros urbanos, já que os mesmos enfrentam diversos problemas ocasionados pelo mal planejamento ou até mesmo pela falta de um.

Tendo como principal objetivo estruturar sua história a fim de entender como ele pode influenciar a vida nos grandes centros urbanos, evidenciando a sua importância na vida moderna.

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi de caráter teórico e exploratório, que, segundo Gil (2008), tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Tendo sido desenvolvida essa metodologia, esta pesquisa pode ser classificada como pesquisa bibliográfica e de estudo de caso.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O URBANISMO

O Urbanismo é um neologismo inventado há pouco mais de um século, pelo arquiteto espanhol Cerda, em 1867. Ele abrange a noção que parece a priori tão velha quanto a civilização urbana. A palavra Urbanismo é designada de uma realidade muito antiga, chamada arte urbana. O surgimento no século XIX designa de uma realidade específica que se apresenta como uma ciência

e uma teoria da cidade. O urbanismo com novo caráter se aprofunda em uma base científica muito mais ampla. Por extensão, o termo urbanismo passou a ser relacionado em tudo que diz respeito a cidade como, obras públicas, morfologia urbana, planos urbanos, práticas sociais e pensamento urbano, legislação e direito relativo à cidade (HAROUEL, 1990).

O período greco-romano contribuiu para amenizar a dependência que ligava a religião ao espaço urbano construídos. A partir da idade média, embora a sociedade ainda em uma dependência profundamente religiosa, são as autoridades laicas que procuram estabelecer o domínio do espaço urbano. É na revolução industrial que surge o urbanismo moderno, provocando uma mudança, deixando de lado o tradicionalismo das cidades e utilizando como recurso a utopia, esta, muito rejeitada pelas cidades, porém é a grande precursora de modelos espaciais.

O mesmo autor considera que entre o urbanismo grego e o urbanismo romano, houve uma continuidade se tratando tanto da estrutura urbana como dos equipamentos públicos quanto das preocupações estéticas, o aprendizado da Grécia foi utilizado para o surgimento do urbanismo romano. Entre esses movimentos houve uma continuidade, tratando tanto da estrutura urbana e dos equipamentos públicos, quanto das preocupações estéticas, as lições aprendidas na Grécia, serviu como experiência para o urbanismo romano.

A ideia de cidade do grego *polis*, surge em uma sociedade rural, com pouca densidade, com habitações separadas umas das outras, com a criação de associações políticas que até então são independentes de alguma ideia urbana. Com o crescimento dos membros da *polis*, e sem a organização urbana, surge problemas no planejamento da cidade, que apenas ao final do século VII, é dado o primeiro passo a grandes realizações urbanas (HAROUEL, 1990).

Na antiga Grécia, fundar uma cidade era antes de tudo um ato político, e religioso. Antes de qualquer ato, era consultado um oráculo seguido por cultos e sacrifícios, para então haver uma ligação entre os deuses e a então chamada polis. Hipócrates é o primeiro a encarar a cidade de maneira concreta, estudando os efeitos urbanos como: sítio, localização, natureza do solo, regime de ventos, etc. Mas a verdadeira reflexão urbanística foi instaurada por Platão e Aristóteles, em meados do século IV. Através de estudos e leis, Platão seguiu a cidade ideal para haver vantagens econômicas e também quanto ao clima psicológico e moral (HAROUEL, 1990).

O urbanismo romano muito parecido com a Grécia, também, existia a criação das cidades através de rituais sagrados, para que os deuses não estivessem contra a criação da cidade, em seguida vem *o orientatio*, que consiste em determinar os dois grandes eixos das cidades, como duas ruas principais, o *decamanus* (leste-oeste) e o *cardo* (norte-sul), que além de ligar toda a cidade,

simboliza uma linha de proteção mágica protegida pelos deuses, em qual será construída a muralha. Os principais elementos urbanos da cidade romana eram: a muralha, as ruas, o fórum, os equipamentos públicos e as habitações. A cidade ruplicana se desenvolve sem um plano urbanístico assim gerando vários problemas (HAROUEL, 1990).

O período medieval corresponde na Europa a um grande crescimento urbano durante o qual se forma a maioria das aglomerações modernas, enquanto que no Renascimento as novas formações urbanas são menos numerosas. No mais, o urbanismo medieval e o do Renascimento diferem profundamente em suas concepções. A idade Média prende-se antes de tudo à solução de problemas concretos, sem espírito de sistema, com o sentido do relativo, o que não inclui, entretanto admiráveis êxitos estéticos. No Renascimento, ao contrário, se o urbanismo não despreza questões de ordem prática de um modelo de cidade ideal e se esforça em definir os cânones de uma estética urbana de valor universal (HAROUEL, 1990).

Este período corresponde ao apogeu do urbanismo clássico. Ele é essencialmente dominado pela influência francesa, que substitui a italiana no decorrer do século XVII. É possível discerni-los não somente através dos projetos e das realizações, mas ainda na legislação, na prática administrativa, nos escritos dos filósofos, dos arquitetos, dos médicos, de todos aqueles que, cada vez mais numerosos, se interessavam pela cidade

A revolução industrial é seguida por um alto crescimento da malha urbana consequência da migração da população do povo para as cidades. A Grã-Bretanha é o primeiro palco desse movimento desde 1801, na Europa, a França e a Alemanha seguem-se a partir dos anos 1830 (CHOAY, 2003).

O urbanismo como o conhecemos, que deixa a dependência religiosa ou interesse político, que agora busca uma ciência dos estabelecimentos humanos, nasce em decorrência da Revolução Industrial. (HAROUEL, 1990). Essa que começa na Inglaterra a partir do século XVIII quando grandes contingentes populacionais migravam do campo para a cidade em busca de trabalho, e então se criaram grandes aglomerados populacionais nos quais as pessoas que pertenciam à classe operária viviam em péssimas condições de vida, principalmente de higiene, muitas delas sem ter aonde morar, ou habitando em locais insalubres e desconfortáveis. Houve então a partir daí uma grande discussão em diversas áreas do conhecimento na busca por soluções para estes chamados “problemas urbanos”. Naquela época, da Revolução Industrial, dos movimentos sociais e dos racionalismos que emergiam, ainda não se tinha um conceito de Urbanismo aprimorado, e nem o

mesmo era considerado como uma área do conhecimento ou ciência de organização dos espaços urbanos, o que só acontece alguns anos depois, no início do séc. XX (CHOAY, 1965).

A mudança nessas cidades, não é bem-vinda por muitos, Haussmann com seu projeto para Paris, prejudica a população trabalhadora, incomoda os pequenos burgueses, mas é a solução favorável aos capitães de indústrias. Para taine esta é a característica de uma cidade para os grandes negociantes. Com essa ordem, a criação de quarteirões para negócios separando-os de bairros habitacionais, é criado a suburbanização, com indústrias nos arrabaldes é necessário que a classe operária se desloque entre a cidade, necessitando um sistema viário em grande escala. Durante esse processo de cidade industrial são vários os idealistas e os críticos, frequentemente os idealistas são percursos de outras cidades e os críticos geralmente são políticos (CHOAY, 2003).

A partir de filosofias políticas e sociais são criados dois tipos de projeções espaciais de imagens da cidade futura, que foi chamada de “modelos”, entre seus criadores Owen, Fourier, Morris e outros (CHOAY, 2003).

O modelo progressista, é definido por ser para um indivíduo concepções como o homem e a razão. Característica do modelo é sua setorização, com muitos abertos, rompido por vazios verdes que proporcionam a higiene, o ar a luz e a água devem ser igualmente distribuídos a todos. O espaço urbano é traçado a partir das funções humanas separados em habitat, o trabalho a cultura e o lazer. (CHOAY, 2003).

Já o modelo culturista é extraído das obras de Ruskin e de Willian Morris. O ponto de partida para esse movimento é do agrupamento humano na cidade. São vários os conceitos deste movimento sempre de dois em dois, é criado a distinção entre a cultura e a civilização, tão importante na Alemanha. Ao contrário da aglomeração do modelo progressista, esta cidade deve formar um contraste sem ambiguidade com a natureza, Morris chega a propor verdadeiras reservas paisagísticas para as cidades. A marca deste movimento pode se dizer que tem características de irregularidade e assimetria (CHOAY, 2003).

A partir de 1928 um movimento internacional CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), serve como parâmetro para melhorias no urbanismo, em 1933 é criado a Carta de Atenas, parâmetro para as necessidades básicas do urbanismo para as cidades modernas, esse documento deve muitas de suas ideias a Le Corbusier. É importante ressaltar que existiram outras versões para a mesma Carta de Atenas, que, no entanto traziam a mesma fórmula da “cidade funcional”, ou cidade ideal moderna (SANTOS, p.4). (NÃO TEM ANO).

O urbanismo progressista é obcecado pela modernidade. A cidade do século XX deve ser de seu tempo, afirmar tudo aquilo que se traduz como o avanço da técnica: a indústria, o automóvel, o avião (HAROUEL, 1990). A partir da classificação das funções de Le Corbusier que surge a necessidade de se projetar um complexo sistema de vias largas e retilíneas fundamentado na hierarquia, conforme a velocidade, a classificação e o volume de deslocamento (SILVA & ROEMERO, 2011). (NÃO TEM PAG.)

Com a chegada do progresso técnico e da revolução industrial, o tradicionalismo das cidades antigas, é quebrado, pois deixa de ser centros com características religiosas, para habitação de grandes populações, que com o enriquecimento global da sociedade, tecnologia e economia, gera grandes movimentos habitacionais, que trazem junto muitos problemas para a cidade, a partir disso nasce o urbanismo moderno (HAROUEL, 1990) que se baseia nas premissas que consideravam as intervenções urbanas devem ser feitas com o intuito de eliminar os “males” provenientes do processo de urbanização como se fossem “ações cirúrgicas”, em que simplesmente se eliminam os espaços degradados ou se transformam estes espaços em espaços belos e salubres (CHOAY, 1965). Os resultados obtidos pelo urbanismo moderno são de um valor discutível, mas de uma amplitude arrasadora; isto é, não pela qualidade do urbanismo, mas sim pelos meios gerados como técnicas que a civilização disponibilizou aos arquitetos, engenheiros e urbanistas. Graças a esses movimentos, foi possível tornar as cidades, mais organizadas e mais agradáveis de se habitar (HAROUEL, 1990).

2.2 ANÁLISE

Segundo Lamas (2000), a arquitetura sempre teve como objetivo a criação do mais propício ambiente à vida humana, e isso em todos os aspectos, desde um café até às grandes composições urbanas. A arquitetura é vista em todos os aspectos que o humano tende a harmonizar ou tenha alguma intenção de estética, isto é em todos os aspectos construídos, seja em grandes infraestruturas ou até mesmo no alinhamento de árvores de um jardim. A arquitetura é a simples arte de construir e ultrapassa a simples lógica de elementos construtivos para traduzir a realidade humana como força criativa e volumétrica. Nasceu com os primeiros assentamentos humanos, inseparável da vida humana e da sociedade, como obra coletiva que tem a sua plena dimensão como fato urbano. Todavia, a construção da cidade e a resolução da complexidade dos problemas do ambiente humano

exigem atualmente numerosas qualidades, múltiplos conhecimentos e a ação de indivíduos que, pelo seu saber e criatividade, tornam-se executantes de uma vontade coletiva, explicitando os espaços para essa vontade (LAMAS, 2000).

O arquiteto faz da cidade um problema pessoal, para o qual contribui com as suas qualidades: o desenho e a sensibilidade ao sítio e ao contexto, a criatividade e imaginação, a capacidade de síntese e a visão global dos problemas. Visa contribuir com o método de trabalho, uma técnica de concepção e de comunicação de ideias em relação aos processos de construção (LAMAS, 2000).

Lamas também afirma que temos um recurso muito importante, talvez o mais importante de todos, pois se trata da história, essa está sempre presente ao desenhar, pois traz várias experiências do passado. Porém, mesmo tendo experiências do passado e avanço na tecnologia, arquitetos e profissionais da área não conseguem chegar a um consenso sobre definir uma morfologia urbana ou uma forma urbana adequada para uma cidade (LAMAS, 2000).

Para Lamas, a morfologia urbana é muito mais ampla, não se restringindo apenas a distribuição de edifícios no território, resolver problemas funcionais, ou criar condições para o investimento econômico. Trata-se muito mais da competência de um arquiteto, do que de um somatório de disciplinas, mas claro que há uma influência de questões socioeconômicas que refletem profundamente em sua forma, pois a cidade melhora a partir de investimentos, mas essa não é consequência somente da economia, pois se houver alguns problemas, eles podem ser identificados e amenizados antecipadamente com bom um planejamento feito pela competência de um arquiteto. O ponto de partida de uma boa morfologia urbana será dado pelo planejamento de um arquiteto, com um programa objetivo em implantações de edifícios e da malha urbana, podemos nos aproximar de uma forma adequada para a cidade (LAMAS, 2000).

Rossi (2001, p.248) disse entender “a arquitetura em sentido positivo, como uma criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza, coletiva”.

Nesse sentido, observa-se que as transformações no espaço urbano são fruto não só das relações interurbanas, mas de relações regionais e globais, já que a cidade não é um lugar fechado em si, ela assume relações que ultrapassam a esfera local e regional, e isto exige que se tenha uma visão da cidade inserida num contexto político-econômico mais abrangente. (SANTOS, p.03).

Diante a ótica do urbanismo modernista em relação ao traçado medieval, é considerado ultrapassado com suas vias sinuosas e irregulares denominadas outrora de “*traçados das mulas*” por Le Corbusier. Tal modelo já nasce sob o estereótipo de “moderno”, industrial, pertencente aos dias atuais. Sob a égide desse repertório urbano, assistiu-se ao espetáculo da

expansão urbana, seja de novas cidades (ou mesmo estados e países autointitulados como modernos e progressistas), ou bairros, loteamentos ou intervenções urbanas (em áreas não ocupadas ou já consolidadas). (CORBUSIER, 2000).

Porém, este “modelo de Urbanismo”, denominado de Urbanismo Moderno, sofreu muitas críticas, pelo racionalismo e o reducionismo trazido dos modelos teóricos criados (SOUZA, 2002), já que não seriam aplicáveis a qualquer parte do mundo como premissas universais para a “modernização do espaço urbano”, pois cada lugar tem suas necessidades e problemas específicos, passíveis de análise e intervenções que podem ser diferentes de um lugar para outro.

Assim, o planejamento urbano torna-se uma tarefa muito complexa, uma vez que contribui para alterar o ambiente natural em construído, exige uma serie de disciplinas necessárias que irão determinar o espaço proposto (ROMERO, 2000).

Para Romero, o desenho dos espaços urbanos deve ser adaptado às características do meio, tais como topografia, revestimento de solo, ecologia, latitude, objetos tridimensionais e clima. Porém, com a falta de dados completos, estas não estão sendo usadas pelos planejadores do espaço. Resultado disso são os impactos que são provocados ao meio ambiente, repercutindo no desequilíbrio do meio e também no conforto e salubridade das populações urbanas (ROMERO, 2000).

O conhecimento e o uso correto das informações do meio permitem aproveitar um traçado para a cidade da melhor maneira possível, como utilizar a topografia local para canalizar os ventos, o jogo entre espaços abertos e fechados criam um microclima favorável às atividades do homem, entre outros (ROMERO, 2000).

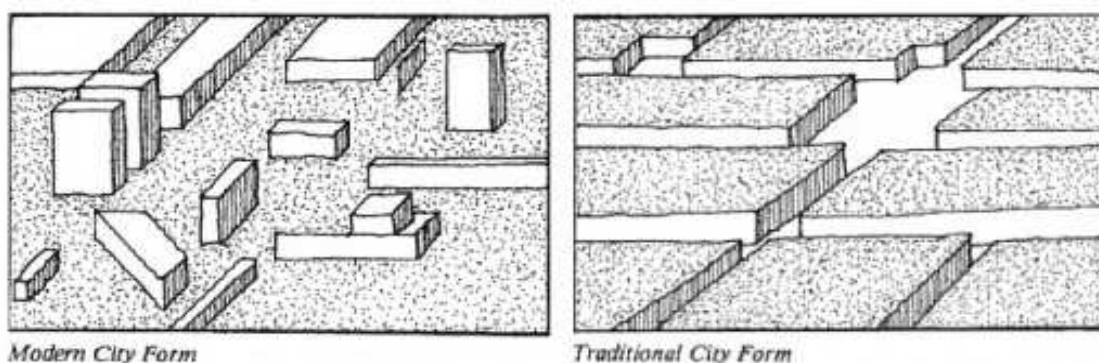
Na maioria dos casos de urbanização, temos vários aspectos negativos, como a excessiva cobertura do solo, a concentração de gases contaminantes, o aumento de temperatura em razão da redução de difusão do calor e dos menores índices de evaporação. Pelo ponto de vista ambiental, quando a urbanização é alta, a radiação armazenada é maior, como também é maior a produção de calor, em consequência, maiores serão as mudanças climáticas, maiores serão os obstáculos para a penetração do vento e maior será a impermeabilização do solo, diminuindo a umidade do ar e as perdas de calor por evaporação (ROMERO, 2001).

Com o passar dos anos, observou-se um crescimento surpreendentemente das cidades, em tamanho, população e densidade, o que trouxe para ela a concentração dos problemas que afligem a humanidade, desafiando a sociedade os chamados “*espaços perdidos*”, considerados, hoje, o pior

dos problemas urbanos (CARMONA, 2003). A perda dos espaços públicos, sua privatização, e a segregação espacial das modernas cidades se opõem às morfologias tradicionais.

Segundo Trancik (apud Silva & Romero, 2011) na cidade tradicional, as cidades em blocos contínuos direcionam o movimento e estabelecem orientação, enquanto que na cidade moderna a fragmentação e a confusão estrutural da malha urbana proporcionam a desorientação, como mostra a figura 01 abaixo.

Figura 1 – Cidade Moderna x Cidade Tradicional



Fonte: Silva e Romero (2011, p. 28)

Diagrama comparativo entre a forma urbana moderna (à esquerda) e tradicional (à direita). As ilustrações representam a estrutura espacial das cidades tradicionais versus a fragmentação formal da cidade moderna. (TRANCIK, APUD SILVA & ROMERO, 2011).

Para Trancik (apud Silva & Romero, 2011), nas cidades atuais projetadas dentro dos parâmetros modernos, os planejadores (*designers*) tentam reparar com pequenas intervenções o espaço urbano fragmentado já constituído, cujo espaço público não fora adotado como partido de projeto e planejamento.

Nas cidades de hoje, os planejadores se deparam com o desafio de criar ambientes coletivos ao ar livre, unificando para um novo desenvolvimento. Muitas vezes a contribuição dos planejadores torna-se um pós-fato de tratamento cosmético dos espaços que são mal formados e mal planejados para o uso público em primeiro lugar. O processo usual de desenvolvimento urbano trata edifícios como objetos isolados localizados na paisagem, não como a maior parte da malha de ruas, praças e espaços abertos viável. As decisões sobre os padrões de crescimento são feitas a partir de planos de uso do solo bidimensionais, sem considerar as relações tridimensionais entre os edifícios e os espaços e sem uma real compreensão do comportamento humano. Neste processo muito comum, o espaço urbano raramente é mesmo considerado como um volume exterior com propriedades de forma e de escala e com conexões para outros espaços (TRANCIK, APUD SILVA & ROMERO, 2011, p. 14).

O autor critica o processo de desenvolvimento urbano que trata os edifícios como objetos isolados na paisagem, e não como elemento vital na composição da malha urbana, das praças e espaços abertos. Outro ponto essencial em sua análise é a errônea adoção de planos bidimensionais para planejamento do uso do solo urbano, desconsiderando a relação tridimensional entre as construções e os espaços, contrariando o espaço urbano como um volume externo com propriedades formais e de escala (TRANCIK, APUD SILVA & ROMERO, 2011).

Noutra vertente, a arquitetura bioclimática é uma área pouco desenvolvida, mas que tem a arquitetura vernácula como referência. A arquitetura vernácula que é o grupo que firma uma análise ampla das relações entre homem, meio ambiente e espaço construído, serve como exemplos de respostas adequadas do homem às exigências do meio ambiente, pelo fato de buscar também a otimização do desenho urbano. Um dos exemplos desse tipo de aperfeiçoamento é o aproveitamento do sol no inverno, de modo a evitá-lo no verão, utilizando os benefícios da ventilação para combater a umidade e parar extrair o ar quente, vale-se do isolamento para reduzir as trocas térmicas com o exterior, especialmente as perdas de calor em épocas frias (ROMERO, 2001).

Ainda, a arquitetura bioclimática é uma forma de desenho lógico, que integra princípios históricos, culturais, ambientais e tecnológicos, elementos que contribuem diretamente para a prática do desenho urbano e para o processo formal de materialização da forma urbana (ROMERO, 2001).

Logo, por conta do anteriormente citado, observa-se uma crescente complexidade dos problemas urbanos, os quais carecem de opções estratégicas, em um país onde cerca de 80% da população vive em cidades e vilas. A reincidência do fracasso da promoção da justiça social, ressalta o autor, culminará na reprodução da atual miséria no futuro, daí a urgência de os diversos segmentos da sociedade atuarem em conjunto para “mudar a cidade” (SOUZA, 2002).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizaram-se diversos materiais de consultas bibliográficas sobre os assuntos urbanismo e planejamento urbano.

Pode-se observar que através do caos e dos problemas das cidades antigas, houve uma significativa mudança no urbanismo passou por alterações pela necessidade do bem estar do homem, muitas vezes com influências religiosas, políticas e econômicas. Mas hoje, temos a certeza

de que o homem e o habitar estão em primeiro lugar em busca de cidades mais sustentáveis para as próximas gerações.

A saúde de uma cidade é de grande relevância, pois afeta diretamente tudo o que nela vive, como por exemplo a sociedade e o ecossistema em geral. O planejamento urbano é a atitude ideal para manter uma cidade saudável e com qualidade de vida, e ferramentas para que haja essa mudança não faltam.

Neste sentido, temos hoje, o Estatuto da cidade e o Plano Diretor, os quais são extremamente úteis na busca pela cidade ideal. Logo, em todos os aspectos, cabe a nós profissionais projetar o meio urbano mais adequado, desfrutando das ferramentas que temos a disposição.

Lembrando que para um arquiteto, somente o talento não é suficiente, o conhecimento e os estudos são muito importantes, pois temos grandes mestres para nos ajudar a propor projetos adequados para a realidade da cada lugar.

REFERÊNCIAS

CHOAY, F. **O Urbanismo, utopias e realidade, uma antologia**. Tradução de Dafene Nascimento. Perspectiva: São Paulo, 1965.

CARMONA, M; TIESDELL, S. **Urban design reader**. Elsevier, 2003.

CORBUSIER, Le. **Urbanismo**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
GONSALES

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 2.ed. [s.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, J. L. C. **Reflexões por um conceito contemporâneo de Urbanismo**. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT0506201055312.htm>> Acesso em: 07 de Out. 2015.

SOUZA, M. L. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2002.



14.º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

“EMPODERAMENTO DO INDIVÍDUO”



SILVA, G.J.A; ROMERO, M.A.B. **O urbanismo sustentável no Brasil a revisão de conceitos urbanos para o século XXI (parte 01)**. Revista Vitruvius, Jan, 2011. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.128/3724>> Acesso em: 05 de Out. 2015.